



Veja SP

19/ 4/2000 Pg 20

Kuikuro 07

VALE A VIAGEM



O ritual na frente de uma oca, em Juquitiba, e alguns objetos de artesanato: cachê pelos shows

FOTOS ELIANE COSTER

Entre na tribo

Aldeia cenográfica a 60 quilômetros da capital mostra a cultura dos kuikuros

Os índios kuikuros, uma das tribos mais antigas do Brasil, vivem na reserva matto-grossense do Parque Nacional do Xingu e são conhecidos pelo rico artesanato e por seus rituais, realizados ao som de longas flautas de bambu. Para chegar a seu habitat, a partir de São Paulo, é necessário atravessar mais de 2 000 quilômetros, contando-se os trechos pela selva amazônica. Na semana em que se comemora o Dia do Índio, os paulistanos têm a chance de fazer um legítimo programa indígena sem precisar andar muito. O haras Toca da Raposa, localizado em Juquitiba, a 60 quilômetros da capital, montou uma aldeia cenográfica, com três ocas de sapé que servem de moradia, até meados de maio, para um grupo de kuikuros. Em vez de uma floresta hostil, o máximo de dificuldade que esse passeio exige é pegar a Rodovia Régis Bittencourt e, no quilômetro 323, enfrentar a íngreme estradinha que dá



acesso à Toca (veja a coluna Para as Crianças na pág. 70).

Desde 1998, os kuikuros vêm fazendo excursões semelhantes, em que exibem seus rituais para platéias de turistas. O administrador do Parque Nacional do Xingu, Pirakumã Yawalapiti, não aprova esses shows. "Eles deveriam receber cachê", afirma. "Infelizmente, não podemos impedir sua saída." A idéia de trazê-los partiu das educadoras Regina Fonseca e Mercedes Ferreira de Lima, que começaram sua pesquisa nas aldeias guaranis da Grande São Paulo — duas em Paraleiros e outra no Pico do Jaraguá. Há três anos, elas passaram uma temporada entre os kuikuros e estabeleceram uma ponte de entendimento com eles. Em seguida, conseguiram autorização da Fundação Nacio-



nal do Índio (Funai) para transportar membros da tribo uma vez por ano. As duas bancam as despesas — combustível para barco, fretamento de ônibus e alimentação para dois dias de viagem.

Os 45 kuikuros ficam até quarta 19, quando outros quarenta chegam ao haras, ali permanecendo até 14 de maio. A maioria deles gosta de viajar. Os kuikuros ganham presentes, como sabão e escova de dentes, e fazem comércio: um brinco de pena custa 3 reais; um banco de madeira em formato de coruja, 300. Alguns costumam pedir os relógios e os colares dos visitantes. Ao contrário do que acontece no Xingu, eles não desfilam nus, mas vestem sunguinha preta. Os ingressos para a Toca da Raposa custam 10 reais (crianças) e 15 reais (adultos).

Parte do dinheiro arrecadado é embolsada pelos índios. O restante vai para uma conta bancária que pertence à tribo e é administrada por Regina e Mercedes. "Aqui, a gente se sente em casa", diz o chefe Yakalo Kuikuro, um dos poucos a falar português.

RODRIGO PEREIRA

